

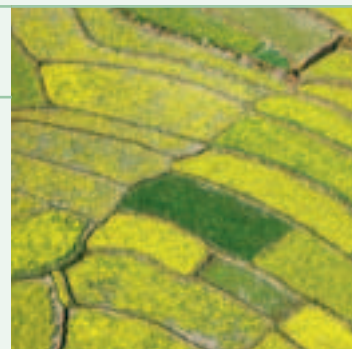


# Tendências da qualidade de vida na UE: 2003–2009

## > Resumo <

«A pobreza é um problema grave na UE e [...] a actual situação económica e financeira está a agravar mais ainda as dificuldades. As consequências da crise fazem-se sentir e uma parte significativa dos europeus enfrenta hoje sérias dificuldades financeiras [...] A nova estratégia da UE para a próxima década "Europa 2020" e o seu objectivo de retirar pelo menos 20 milhões de europeus da pobreza até 2020 representa um sinal claro da vontade real de todos os países em obter resultados visíveis a favor de uma Europa mais justa e inclusiva.»

*László Andor, Comissário Europeu responsável pelo Emprego, Assuntos Sociais e Inclusão, Junho de 2010 (in site de imprensa da Comissão Europeia)*



## Qualidade de vida e política europeia

O acompanhamento das alterações da qualidade de vida dos europeus e o desenvolvimento de políticas para reforçar o seu bem-estar são cada vez mais importantes no debate da UE. Reconhece-se, cada vez mais, que apesar de os indicadores económicos tais como o produto interno bruto (PIB) serem importantes para avaliar o nível de bem-estar de um país, não são suficientes. Cada vez mais se afirma que a política pública deve ser avaliada em termos de como promove directamente o bem-estar dos cidadãos, tendo em consideração as condições sociais e ambientais, bem como as condições económicas. Este ponto de vista reflecte-se em iniciativas recentes, como por exemplo da OCDE e da Comissão Europeia.

Entretanto, a Comissão de Avaliação do Desempenho Económico e Progresso Social, criada por iniciativa do governo do presidente francês Nicolas Sarkozy, procura identificar os limites do PIB como indicador de desempenho económico e progresso social e avaliar a exequibilidade de ferramentas de avaliação alternativas. A Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho (Eurofound) está a dar uma contribuição neste aspecto com os dados dos seus inquéritos europeus sobre a qualidade de vida (EQLS). Estes inquéritos permitem capturar em certa medida as tendências e os desenvolvimentos de 2003 a 2007 e, com um pequeno número de perguntas de um inquérito do Eurobarómetro, as alterações até Setembro de 2009.

Quando a Eurofound realizou o segundo EQLS em 2007, as taxas de desemprego na Europa – em especial as das mulheres e trabalhadores mais velhos – atingiram os seus níveis mais altos, caindo para um mínimo histórico em Março de 2008. Ainda assim, a avaliação da Estratégia de Lisboa salienta que os cidadãos mais afastados do mercado de trabalho ainda não tinham beneficiado o suficiente do aumento do emprego. Mais ainda, a situação não tardou em piorar: a crise financeira que teve início na segunda metade de 2008 gerou a mais profunda recessão na Europa desde a Segunda Guerra Mundial. Esta crise afectou não só o perfil económico dos países e das empresas, como também o trabalho e a vida diários das pessoas na Europa. Não obstante as condições estarem agora a melhorar no geral, o emprego continua a diminuir, em especial nos Estados Bálticos, na Irlanda e na Espanha. Em finais de 2009, o desemprego na Europa chegou aos 23 milhões, sendo os jovens – especialmente os jovens do sexo masculino – responsáveis por quase um quarto da subida total da taxa de desemprego desde 2008. No total, o desemprego entre os jovens subiu 21 % em Dezembro de 2009, com taxas acima dos 40 % na Letónia e na Espanha.

## EQLS – Retratos instantâneos sucessivos da vida europeia

Os decisores políticos, para além das informações sobre as condições de vida e de trabalho objectivas, também têm de estar ao corrente das

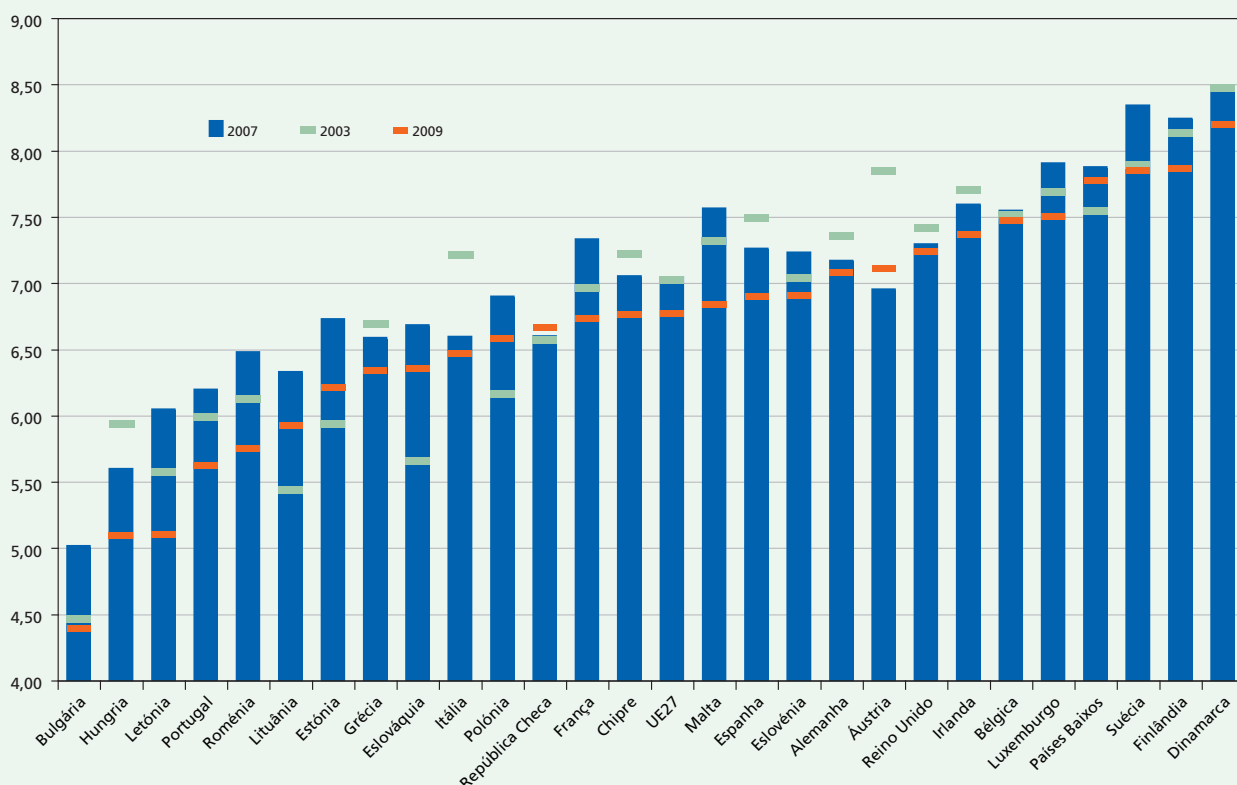
avaliações que os próprios cidadãos fazem das suas vidas e da qualidade da sociedade em que vivem: uma ênfase exclusiva nos indicadores económicos tradicionais poderá mascarar ou diluir as diferenças entre as experiências dos vários grupos sociais. A Eurofound lançou o primeiro EQLS em 2003, para recolher algumas das opiniões, atitudes e experiências dos adultos na Europa, com o objectivo de avaliar a sua qualidade de vida. Este primeiro inquérito incluiu entrevistas a mais de 25 000 adultos com 18 ou mais anos de idade nos 15 Estados-Membros existentes, nos 10 novos Estados-Membros que iriam aderir em 2004 e na Bulgária, Roménia (e Turquia). Em 2007, muitas dessas mesmas perguntas foram feitas a mais de 35 000 inquiridos na UE alargada aos 27 e na Croácia, República da Macedónia, Noruega e Turquia. Os resultados de ambos os inquéritos são representativos dos países e comparáveis entre si. Cerca de 20 dessas mesmas perguntas foram incluídas no Eurobarómetro Especial de Setembro de 2009. Apesar de as perguntas serem directamente comparáveis, a amostra de população do Eurobarómetro só inclui cidadãos dos Estados-Membros da UE a 27. Em contrapartida, no EQLS foram entrevistados residentes dos Estados-Membros, 96 % dos quais eram cidadãos. Com efeito, o tamanho das amostras de 1000 pessoas por país é pequeno se queremos obter estimativas precisas, pelo que as análises de alterações ao longo do tempo nos respectivos países devem ser consideradas com cautela. Todavia, são revelados dados consistentes – em grande parte compatíveis com as expectativas – que divulgam

a experiência das pessoas durante o período 2003-2009.

## Qualidade de vida, 2003–2009

As alterações registadas entre 2003 e 2007 reflectem, pelo menos em parte, o impacto do alargamento na qualidade de vida, com especial relevância nos novos Estados-Membros e nos grupos sociais que evidenciaram a maior mudança. No geral, no total dos 27 Estados-Membros, a qualidade de vida permaneceu relativamente estável entre 2003 e 2007, apesar de ter havido algumas pequenas alterações positivas. Nos países que aderiram à UE em 2004, a qualidade de vida melhorou notoriamente mais do que nos restantes Estados-Membros. Isto também se aplica à satisfação das pessoas com a esfera privada da vida, como por exemplo a habitação e padrões de vida, bem como com o seu nível de satisfação com os serviços públicos tais como a educação, a saúde e os transportes públicos, e da sua avaliação global da qualidade de vida. A avaliação da qualidade de vida na Bulgária e na Roménia, que aderiram à UE em 2007, evidenciou um progresso bastante inferior. No geral, as pessoas dos grupos com rendimentos superiores tiveram uma melhor experiência de vida do que as dos grupos de rendimentos inferiores; esta diferença é mais profunda do que a existente entre homens e mulheres ou entre pessoas mais novas e pessoas mais velhas (e ainda mais profunda nos novos Estados-Membros).

Figura 1: Satisfação com a vida em geral, UE27, 2003-2009



As tendências da qualidade de vida entre 2007 e 2009 reflectem, provavelmente, e em certa medida, o impacto da crise económica e do desemprego na Europa. Contudo, é importante documentar e interpretar a amplitude das alterações quanto à satisfação com os vários aspectos de vida e identificar os grupos mais afectados pela crise financeira. Os dados dos inquéritos podem esclarecer essas questões, se partirmos do princípio que as perguntas são sensíveis ao apuramento dessas mudanças. Também devemos reconhecer que os dados apenas podem reflectir as visões e experiências de grupos sociais relativamente alargados, dado que as amostras são muito pequenas para documentar a mudança da situação de alguns grupos de risco, tais como pais solteiros ou migrantes, e que há outros grupos socialmente excluídos, como por exemplo os sem abrigo, que não têm representação nos inquéritos.

### Diminuição da satisfação com a vida e padrões de vida

No geral, as maiores mudanças ocorridas entre 2007 e 2009 verificaram-se em termos da satisfação com a vida no geral e com os padrões de vida. Conforme mostra a Figura 1, entre o último trimestre de 2007 e Setembro de 2009, o nível de satisfação médio com a vida em geral na UE caiu de 7,0 para 6,8 ou seja, cerca de 4 %. Esta diminuição foi mais acentuada nos novos Estados-Membros, em que a satisfação global com a vida tinha vindo a aumentar. Neste caso, a avaliação média passou de 6,5 para 6,1 – uma queda de 6 % que é duas vezes superior à diminuição da satisfação com a vida na UE a 15. As maiores diminuições

verificaram-se na Bulgária (onde as classificações da avaliação da satisfação de vida sofreram uma queda de 5,0 em 2007 para 4,3 em 2009), Roménia, Malta, Estónia, Letónia, mas também na França, onde a classificação média da satisfação com a vida diminuiu de 7,3 para 6,7. Assim, nos Estados Bálticos, por exemplo, o padrão da diminuição da satisfação com a vida reflecte a queda do PIB. No entanto, essa correspondência não existe em países tais como Malta e França, onde a queda do PIB foi relativamente pequena.

Comparando os resultados de 2007 e 2009 não há diferenças entre homens e mulheres em termos da diminuição da satisfação com a vida. Contudo, observou-se uma clara diferença entre pessoas mais velhas e mais novas: entre as pessoas na faixa etária dos 18 aos 34, as classificações da satisfação com a vida diminuíram apenas 1 %, ao passo que entre as pessoas mais velhas diminuiu 5 %. E as pessoas com 65 e mais anos nos NEM12 sofreram uma queda bastante mais acentuada na satisfação com a vida do que os seus homólogos da UE15 – 10 %, comparado com 3 %. Isto vai ao encontro dos resultados dos primeiros inquéritos: no seu conjunto, os dados do inquérito indicam que as pessoas mais velhas nos NEM12 não beneficiaram tanto das vantagens do alargamento e sentem-se expostas aos riscos da crise económica. As classificações da satisfação com a vida entre as pessoas com 65 e mais anos, em 2009, tinham uma média de 7,0 nos países da UE15 e de apenas 5,5 nos NEM12, o que poderá estar relacionado com a saúde mais frágil das pessoas mais idosas nos NEM12.

Figura 2: Satisfação com o padrão de vida, UE27, 2003-2009

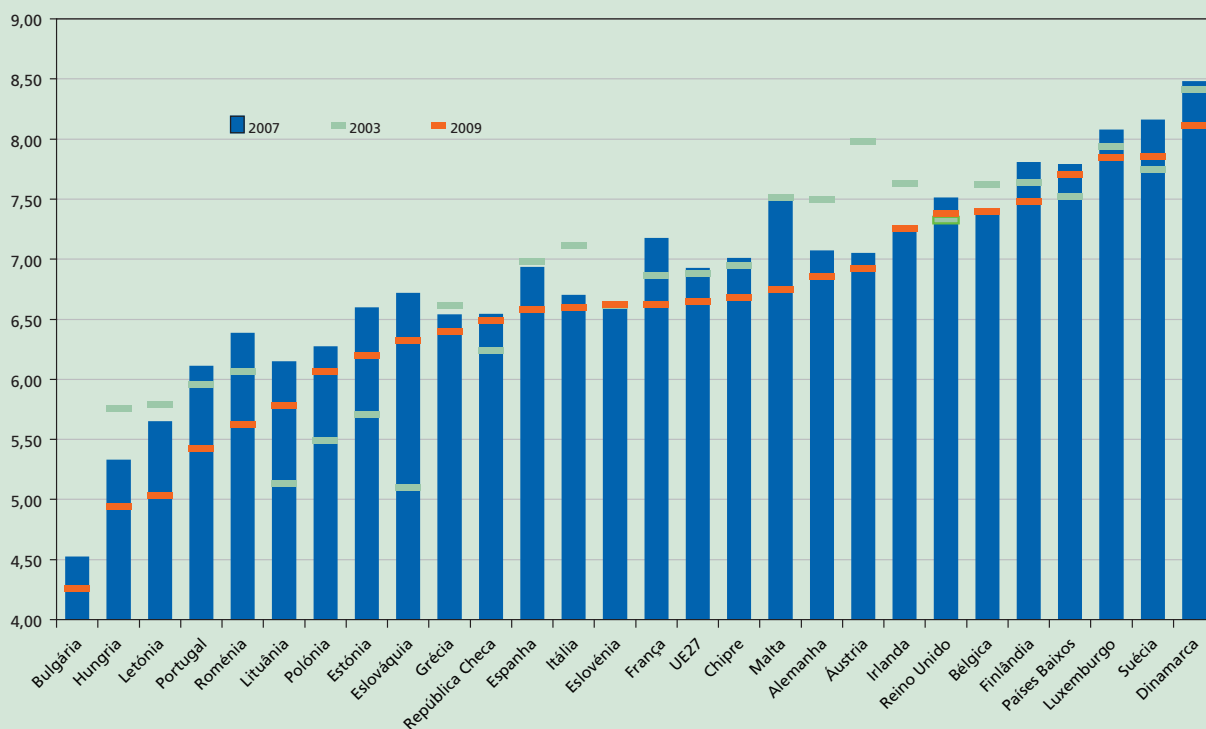
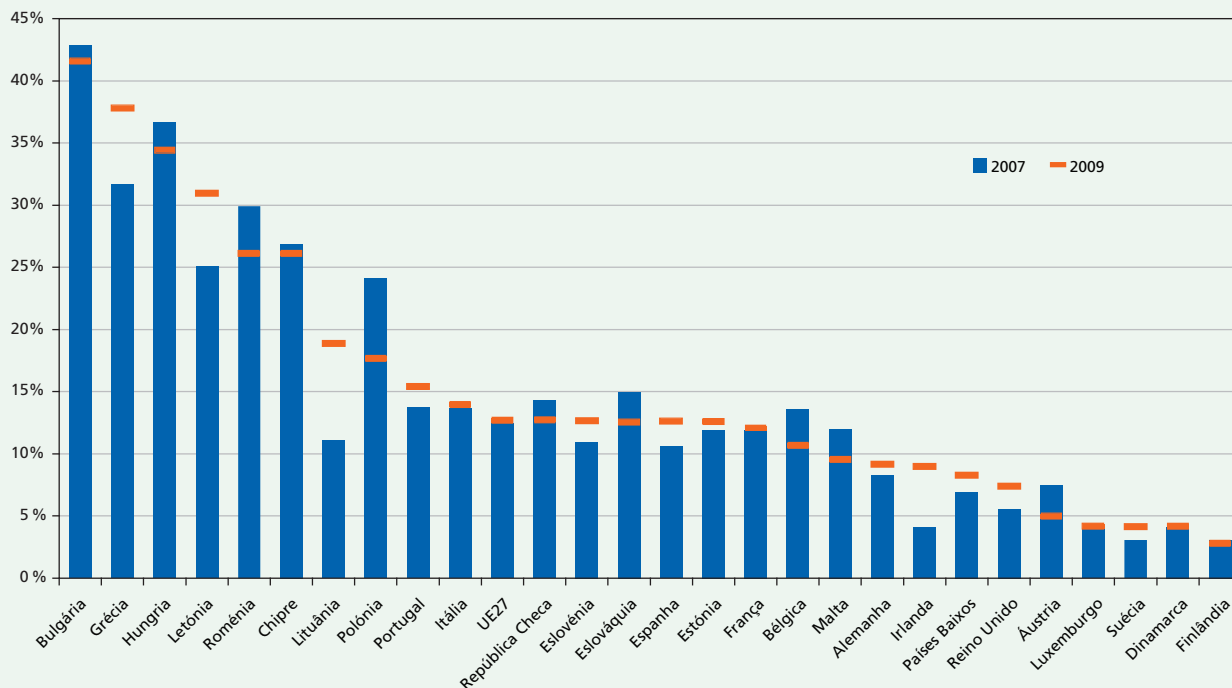


Figura 3: Percentagem com dificuldades em fazer face às despesas



O rendimento do agregado familiar e as condições materiais apresentam uma relação que se coaduna com as classificações da satisfação com a vida. Tanto o inquérito de 2007 como o de 2009 incluem uma pergunta sobre a facilidade ou dificuldade que os inquiridos têm de fazer face às despesas. Em 2007, a média da satisfação com a vida, para aqueles que consideravam ser fácil fazer face às despesas, era de 7,8; em 2009, este valor era de 7,7. As classificações correspondentes para as pessoas que achavam difícil fazer face às despesas eram de 5,3 e 4,9. Por isso, a diminuição da satisfação com a vida entre as pessoas que afirmaram ser difícil fazer às despesas foi, em média, de 8 % entre 2007 e 2009. Contudo, esta descida foi mais marcada nos NEM12 – 15 % em comparação com os 6 % na UE15, porventura reflectindo dificuldades mais acentuadas nos NEM12. Os valores da satisfação média com a vida das pessoas desempregadas à altura dos inquiridos permaneceram inalterados entre as pessoas da UE15, mas sofreram uma queda de 11 % entre os inquiridos dos NEM12 – de 5,7 para 5,0.

Podemos observar um padrão de queda semelhante quando se compara a satisfação das pessoas com o seu padrão de vida. Em média, nos NEM12, a satisfação dos cidadãos com o seu padrão de vida aumentou 9 % entre 2003 e 2007. Todavia, desceu 6 % entre 2007 e 2009. Na UE15, a diminuição da satisfação com o padrão de vida entre 2007 e 2009 era inferior com 4 %. Mais ainda, a classificação média da satisfação com o padrão de vida era de 6,9 na UE15, comparado com 5,8 % nos NEM12. As maiores descidas na classificação foram registadas na Roménia e em Malta, seguidas pela Letónia, Portugal, França e Estónia. Conclui-se, portanto, que a descida sentida no padrão de vida não se

verificou apenas nos NEM12 nem nos países mais afectados pela crise.

Em termos de grupos sociais, parece que as pessoas mais velhas dos NEM12 foram mais afectadas pela crise económica. Entre as pessoas com 65 ou mais anos, as classificações da satisfação com o padrão de vida diminuíram 5 % na UE15, mas 12 % nos NEM12. As pessoas mais velhas nos NEM12 classificam a sua satisfação com o padrão de vida num nível mais baixo do que os seus homólogos na UE15: no inquérito de 2009, entre as pessoas com 65 ou mais anos, a classificação média da satisfação com o padrão de vida era de 6,9 na UE15 face a 5,2 nos NEM12.

Não é de estranhar que as pessoas que afirmam ser difícil fazer face às despesas estejam muito menos satisfeitas com o seu padrão de vida do que aquelas que o consideram fácil. Em 2009, aqueles que tinham dificuldades em fazer face às despesas classificaram o seu nível de satisfação com o seu padrão de vida em 4,5, comparando com 7,8 entre aqueles que não tinham dificuldades. Em média, na UE15, aqueles que consideravam ser difícil fazer face às despesas não estavam menos satisfeitos em 2009 do que estavam em 2007; em contrapartida, a classificação da satisfação desceu 12 % entre os cidadãos correspondentes dos NEM12, sugerindo, pelo menos, uma percepção de maiores dificuldades.

Como mostra a Tabela 1, cerca de duas vezes mais pessoas nos NEM12 do que na UE15 acham difícil fazer face às despesas. Em 2009, a proporção de cidadãos que tinham dificuldades era mais alta na Bulgária, Grécia, Hungria e Letónia (mais de 30 % em cada país e mais de 40 % na Bulgária). O padrão manteve-se mais ou menos inalterado relativamente a 2007: as maiores subidas (superiores a 5 %)

aconteceram na Grécia, Irlanda, Letónia e Lituânia (Figura 3).

**Tabela 1:** Elementos do padrão económico, UE15 e NEM12

	UE15		NEM12	
	2007	2009	2007	2009
«Dificuldade para fazer face às despesas»	10 %	11 %	26 %	22 %
«Não consigo comprar carne»	4 %	6 %	20 %	21 %
«Não consigo ir de férias»	24 %	28 %	55 %	55 %

Foram utilizados dois indicadores concretos do índice de carência para identificar alterações nas dificuldades relativamente graves: não conseguir preparar refeições com carne, frango ou peixe dia sim, dia não e não conseguir estar de férias durante uma semana fora de casa. A Tabela 1 mostra que a percentagem daqueles que não conseguem comprar esses géneros é bastante maior nos NEM, mas que não houve grandes alterações no geral entre 2007 e 2009. Os maiores aumentos de carência registaram-se na Hungria, onde a percentagem de cidadãos que afirmou não poder comprar carne subiu de 32 % para 42 % entre 2007 e 2009; e a percentagem dos que não têm meios para passar férias subiu de 61 % em 2007 para 73 % em 2009. O único país onde as pessoas revelaram níveis de carência comparáveis aos da Hungria, em 2009, foi a Bulgária.

### Vida familiar, satisfação com o emprego e com a saúde – poucas alterações

Ao passo que entre 2007 e 2009 se registaram quedas visíveis na satisfação das pessoas com as suas vidas e com o seu padrão de vida, houve menos alterações na sua satisfação com os restantes aspectos da vida. Entre 2003 e 2007, na UE27, registaram-se pequenas descidas dos níveis médios de satisfação com a vida familiar (-1 %) e uma descida semelhante em termos de satisfação com a saúde; entretanto, a satisfação com o emprego desceu 2 %. Entre 2007 e 2009, a satisfação com a vida familiar e com a saúde diminuiu um pouco mais, mas a satisfação com o emprego permaneceu surpreendentemente estável, como indica a Tabela 2.

**Tabela 2:** Satisfação com vários aspectos da vida, UE15 e NEM12

	UE15		NEM12	
	2007	2009	2007	2009
Vida familiar	7,95	7,81	7,70	7,52
Emprego	7,22	7,21	6,84	6,95
Saúde	7,44	7,26	6,98	6,7

Nota: As pessoas classificaram a sua satisfação numa escala de 1 a 10.

A satisfação com a vida familiar é relativamente alta em todos os países e é difícil discernir uma tendência consistente ao longo dos três pontos no tempo. Todavia, há dois grupos de países em que a satisfação com a vida familiar diminuiu entre

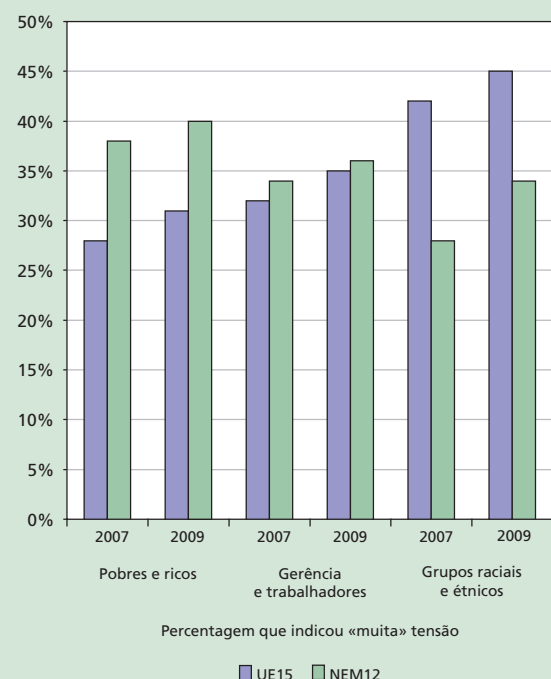
2003 e 2007 e de novo entre 2007 e 2009 – Alemanha e Áustria; e Grécia, Itália, Portugal e Espanha.

A visão das pessoas mais velhas parece ter sofrido uma alteração um pouco maior do que a do cidadão médio entre 2007 e 2009, com uma queda de 3 % no seu nível de satisfação com a vida familiar, comparando com uma diminuição de 2 % entre as pessoas entre os 35 e os 64 anos e sem alterações entre as pessoas entre os 18 e os 34. Não houve diferenças nas classificações dadas pelos homens e pelas mulheres quanto aos seus níveis de satisfação.

Entre 2007 e 2009, os níveis de satisfação com a saúde diminuíram 4 % entre os inquiridos dos NEM12 e 2 % entre as pessoas da UE15, com a Bulgária, Roménia e Portugal a registarem as maiores descidas. Contudo, as pessoas da Letónia estavam mais satisfeitas com a sua saúde em 2009 do que estavam em 2007, por isso é difícil saber como interpretar estas mudanças.

As mudanças aparentes nos níveis de satisfação com o emprego são igualmente confusas. No geral, a satisfação média com o emprego não sofreu alterações entre 2007 e 2009; e nos NEM12 subiu 2 %, em média. Isto parece paradoxal num cenário de recessão económica, insegurança crescente no emprego e deterioração das condições de trabalho (pelo menos para alguns trabalhadores). Também pareceria contrário ao senso comum que a satisfação com o emprego aumentasse no Reino Unido e na Irlanda e nos Estados Bálticos, países que tiveram uma grande redução de postos de trabalho. Porventura, existe um elemento de alívio entre aqueles que têm um emprego; mas

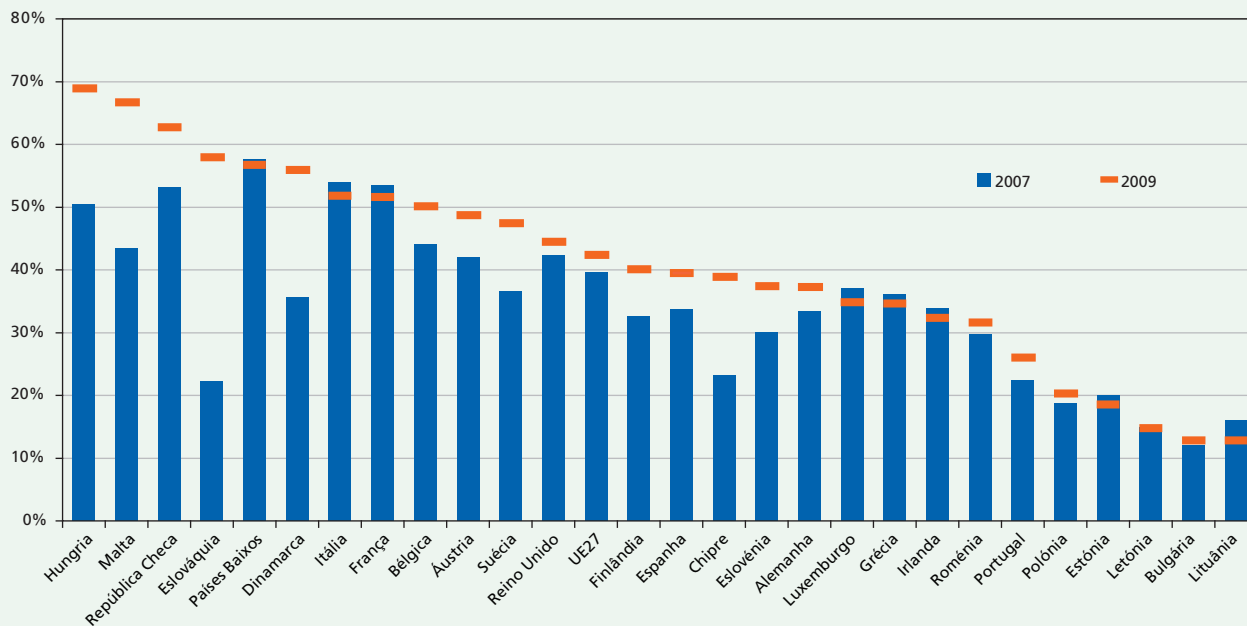
**Figura 4:** Tensões entre grupos sociais, 2007 e 2009, UE15 e NEM12



Nota: Os valores referem-se àqueles que identificam «muita» tensão para cada um dos grupos, no seu país.



Figura 5: Tensão apercebida entre grupos raciais e étnicos, UE27, 2007 e 2009



é possível que os efeitos da recessão na satisfação com o emprego se venha a sentir a longo prazo.

#### Aumento das tensões sociais

A qualidade da sociedade em que as pessoas vivem é um aspecto fundamental da sua qualidade de vida geral. As opiniões que as pessoas têm sobre a qualidade do seu ambiente local, serviços públicos e instituições democráticas são importantes por si só e também influenciam a avaliação global da sua qualidade de vida. Para examinar as relações sociais, no EQLS foi pedido às pessoas que avaliassem o nível de tensão no seu país entre uma série de grupos sociais. Não obstante se discutir muito o conflito de «sexos» e o conflito «intergeracional», poucas foram as pessoas na UE que afirmaram que estes conflitos eram grandes fontes de tensão no seu país. Dos inquiridos, 20 % ou mais só raramente detectam casos de tensão grave entre homens e mulheres ou entre jovens e idosos no seu país. Por outro lado, cerca de um terço ou mais afirmaram existir muita tensão entre ricos e pobres, entre a gerência e os trabalhadores e entre grupos étnicos diferentes.

Entre 2003 e 2007, os níveis de tensão social apercebida diminuíram: a percentagem de cidadãos que declarou haver «muita» tensão (em média, para os três conjuntos de grupos) diminuiu entre quatro a cinco pontos percentuais. Contudo, entre 2007 e 2009, o número dos que indicavam haver «muita tensão» aumentou entre dois a três pontos percentuais, em média. E nos NEM12, as tensões apercebidas entre os vários grupos raciais ou étnicos subiram cerca de 6 %. Ao nível dos Estados-Membros, as tensões apercebidas aumentaram mais na Eslováquia (36 %) e em Malta (24 %); e na Hungria também aumentaram 19 %. Os aumentos na Eslováquia e na Hungria podem reflectir uma maior consciência das tensões existentes entre a maioria e a população

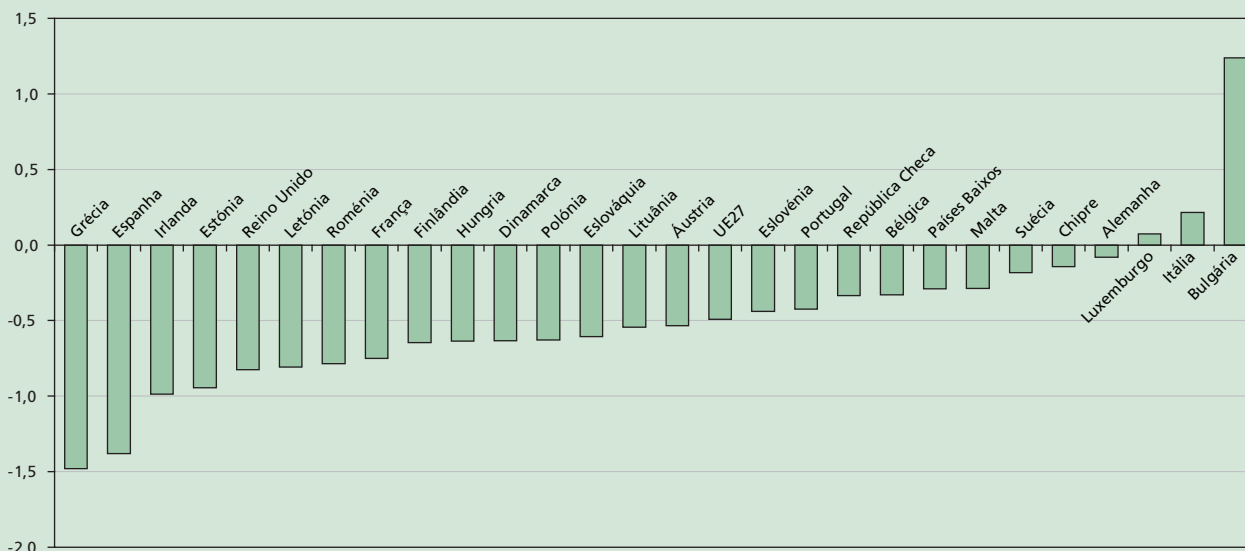
cigana. Todavia, a percentagem dos que afirmam haver «muita tensão» também subiu 20 % na Dinamarca; e mais de 10 % na Suécia. Em países como por exemplo o Reino Unido e Irlanda, que registaram uma imigração considerável nos últimos anos, houve poucas alterações nos níveis de tensão revelados.

Globalmente, há apenas pequenas variações entre homens e mulheres ao nível da percepção das tensões entre grupos étnicos e raciais e não há diferenças na forma como as suas classificações evoluíram entre 2007 e 2009. Em termos de diferenças de idade, 40 % da população com 65 ou mais anos em 2009 sentia «muita tensão» entre os grupos raciais e étnicos, em comparação com 43 % dos jovens adultos; contudo, o número dessas respostas entre as pessoas com 65 ou mais anos aumentou 6 % entre 2007 e 2009, tendo aumentado apenas 2 % entre os mais jovens.

Entre 2007 e 2009, registou-se também um aumento das tensões apercebidas entre pobres e ricos. Este aumento foi mais vincado em Malta e na Eslovénia, onde o número de cidadãos que afirmou existir «muita» tensão subiu 13 %. Para além disso, em vários países da Europa do Norte (Estónia, Reino Unido, Finlândia, Suécia, Irlanda e Letónia), o número de cidadãos que indicou haver «muita tensão» subiu entre seis e onze pontos percentuais entre 2007 e 2009 (e na Eslováquia subiu 10 %). Não é de estranhar que o grau de riqueza dos cidadãos pareça ter feito a diferença neste aspecto: as pessoas que sentiram ser fácil fazer face às despesas sentiram menos tensão entre ricos e pobres do que aquelas que sentiram ser difícil, com 26 % face a 45 % a indicarem haver «muita tensão».

Em média, na UE, a percepção de tensões entre a gerência e os trabalhadores aumentou muito ligeiramente em 2009 e pouco variou entre o grupo de NEM12 e o grupo da UE15. Contudo, se

Figura 6: Alteração da confiança no parlamento nacional, 2007-2009, UE27



considerarmos cada um dos países isoladamente, verificamos grandes variações: 4 % dos cidadãos da Dinamarca e 12 % da Suécia afirmaram existir muita tensão entre a gerência e os trabalhadores, ao passo que em França esta percentagem foi de 57 % e na Hungria de 56 %. Mais ainda, estes números subiram mais de dez pontos percentuais entre 2007 e 2009 na França, Áustria, Estónia, Malta e Eslováquia.

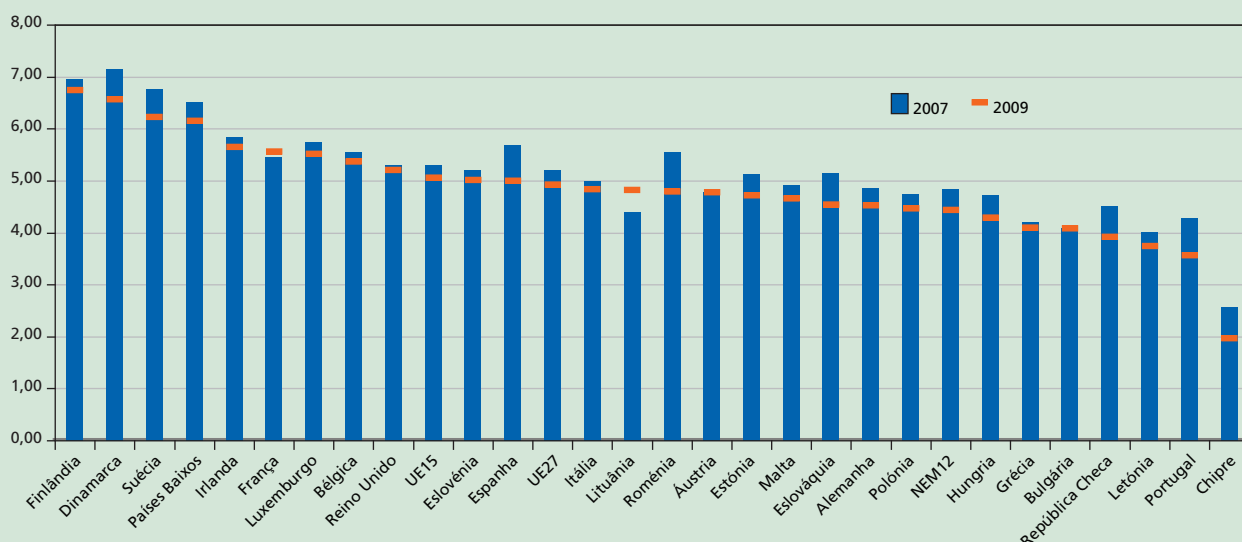
#### Perda de confiança nas instituições e cidadãos

Apesar de parecer que a qualidade da sociedade diminuiu um pouco em termos das tensões apercebidas entre os grupos sociais, o panorama dos indicadores de capital social é pior. Em 2007, pela primeira vez, no EQLS foi perguntado aos cidadãos qual era o grau de confiança no seu parlamento nacional e no governo. Em toda a UE, os cidadãos deram uma classificação média ao seu governo de 4,6 (em 10). Apesar de não ser alto, em 2009 este valor desceu para 4,1, o que representa uma diminuição de 12 %. A classificação média em

2009 era de 4,3 na UE15 e 3,3 nos NEM12 com as classificações nacionais a variarem entre os 6,2 do Luxemburgo e 5,3 do Chipre e os 3,2 da Grécia e 2,3 da Letónia. As maiores descidas entre 2007 e 2009 ocorreram na Estónia, Letónia, Espanha, Grécia, Irlanda e Roménia – grosso modo os países em que a situação económica mais se deteriorou durante a crise financeira. As respostas dos cidadãos a uma segunda pergunta sobre a confiança no seu parlamento nacional revelam um padrão semelhante – a alteração dos níveis de confiança entre 2007 e 2009 é mostrada na Figura 7.

Notavelmente – e contra a tendência geral europeia – os cidadãos da Bulgária indicaram um aumento substancial dos níveis de confiança no seu parlamento nacional. Esta situação anómala na Bulgária poderá dever-se, em parte, pelo menos, ao facto de ter havido eleições nacionais que decorreram imediatamente antes do inquérito de 2009.

Figura 7: Capital social – confiança nas pessoas, UE15 e NEM12



Por toda a Europa, os níveis de confiança nas instituições nacionais diminuíram mais entre as pessoas que consideravam ser «difícil» fazer face às despesas do que entre aquelas que consideravam ser «fácil». Todavia, não se registam tendências claras associadas ao género ou à idade.

Muita tinta correu sobre a importância social da manifestação de confiança nos concidadãos. Perguntou-se aos inquiridos de todos os três inquiridos qual era o grau de confiança que tinham nas outras pessoas: a pontuação média diminuiu de 5,6 na UE27 em 2003 para 5,2 em 2007 e para 4,9 em 2009. As descidas das classificações entre 2007 e 2009 para a UE15 e para os NEM12 estão identificadas na Figura 6.

A nível nacional, houve alterações surpreendentes nas classificações: ao longo de seis anos entre 2003 e 2009, a média desceu um ponto percentual ou mais em Portugal, Espanha, Áustria, Alemanha, Letónia e Chipre. Entre 2007 e 2009 as quedas mais acentuadas verificaram-se em Espanha e Portugal, bem como na Roménia. No geral, entre 2007 e 2009, este indicador de capital social diminuiu 5 % na UE15, comparando com 8 % nos NEM12. A classificação média da confiança nas outras pessoas atribuída pelas mulheres em 2009 era de 4,8, em comparação com 5,0 entre os homens; para além disso, a diminuição foi ligeiramente mais marcada entre as mulheres do que entre os homens, com os níveis de confiança a descerem 6 %, face aos 4 % entre os homens.

## Conclusões

Analisando os dados, não parece que a crise financeira esteja associada a uma diminuição de alguns dos aspectos da qualidade de vida e da qualidade apercebida da sociedade. Apesar de os indicadores de satisfação com a vida e de satisfação com o padrão de vida terem melhorado entre 2003 e 2007, especialmente nos novos Estados-Membros, sofreram uma queda entre 2007 e 2009. Esta diminuição é observada nos países que foram mais e menos afectados pela crise económica: os países que indicam maiores alterações na qualidade de vida não coincidem exactamente com aqueles que sofreram uma recessão mais

grave. Contudo, tudo aponta para que a Letónia e a Estónia, bem como a Bulgária e a Roménia, tenham abrandado o seu ritmo em direcção à melhoria do bem-estar.

Com efeito, as alterações da qualidade de vida média de um país não revelam toda a história: afigura-se que alguns grupos específicos em determinados países sofreram um maior declínio da sua qualidade de vida. Em especial, as pessoas mais idosas nos NEM12 parecem ter sido afectadas de forma mais negativa pelas alterações entre 2007 e 2009. Adicionalmente, as pessoas que consideravam ser difícil fazer face às despesas também sofreram mais alterações negativas em vários aspectos da qualidade de vida. Ainda assim, o impacto da crise económica na experiência económica diária não deve ser exagerado: pelo menos até Setembro de 2007, não se verificaram alterações globais na situação financeira apercebida, verificando-se apenas uma pequena deterioração dos indicadores de carência.

Entre as alterações mais evidentes entre 2007 e 2009 conta-se a diminuição, em muitos Estados-Membros, dos níveis de confiança depositados no governo e no parlamento nacional. Neste caso, as alterações aconteceram principalmente nos países mais afectados pela recessão. Contudo, a diminuição não foi consistente e foi menos evidente do que seria de esperar em alguns países. Mais uma vez, o sentimento de confiança entre as pessoas que passaram por dificuldades financeiras mais acentuadas diminuiu mais do que entre aquelas que consideraram ser fácil fazer face às despesas.

A perda de confiança nas instituições democráticas foi acompanhada por uma queda (contínua) na avaliação tradicional do capital social: a confiança nos concidadãos. Este é um recurso importante para lidar com a mudança social e deve ser alvo de mais atenção. Em especial, as quedas acentuadas do capital social foram por vezes registadas nos países em que as percepções de tensões sociais aumentaram. Há necessidade de um maior acompanhamento destas tendências na qualidade de vida da sociedade e das tendências de satisfação com outros aspectos da qualidade de vida, para analisar o impacto da crise económica à medida que esta vai fazendo sentir os seus efeitos nas sociedades europeias.

### Informações complementares

Teresa Renehan  
ter@eurofound.europa.eu

*Qualidade de vida na Europa, 2003-2007*  
[www.eurofound.europa.eu/publications/htmlfiles/ef0977.htm](http://www.eurofound.europa.eu/publications/htmlfiles/ef0977.htm)

Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho

Wyattville Road, Loughlinstown, Dublin 18, Irlanda  
Telefone: (+353 1) 204 31 00

E-mail: [information@eurofound.europa.eu](mailto:information@eurofound.europa.eu)

Website: <http://www.eurofound.europa.eu>

ISBN 978-92-897-1005-3



9 789289 171005 3



Serviço das Publicações  
EF/10/47/PT